



BOLETIM DE COMÉRCIO  
EXTERIOR DA BAHIA  
NOVEMBRO 2021

# Sumário

## Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Novembro 2021, 3 Importações, 7

### Apêndice A – Novembro 2021

- Tabela I - Balança comercial - Brasil
- Tabela II - Balança comercial - Bahia
- Tabela III - Balança - Brasil X Bahia
- Tabela IV - Participação do comércio exterior da Bahia no comércio brasileiro
- Tabela V - Exportações brasileiras - Regiões
- Tabela VI - Exportações brasileiras - Principais estados
- Tabela VII - Exportações brasileiras - Nordeste por estados
- Tabela VIII - Exportações baianas - Principais municípios
- Tabela IX - Exportações baianas - Fator agregado
- Tabela X - Exportações baianas - Principais segmentos
- Tabela XI - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos
- Tabela XII - Exportações baianas - Principais produtos
- Tabela XIII - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos
- Tabela XIV - Importações brasileiras por regiões
- Tabela XV - Importações brasileiras - Principais estados
- Tabela XVI - Importações nordestinas por Estado
- Tabela XVII - Importações baianas - Principais municípios
- Tabela XVIII - Importações baianas - Categorias de uso
- Tabela XIX - Importações baianas - Principais produtos
- Tabela XX - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos

### Apêndice B – Informativo acumulado de janeiro a novembro de 2019

- Tabela I - Balança comercial - Brasil
- Tabela II - Balança comercial - Bahia
- Tabela III - Exportações brasileiras - Regiões
- Tabela IV - Exportações brasileiras - Principais estados
- Tabela V - Exportações brasileiras - Nordeste por estados
- Tabela VI - Exportações baianas - Principais municípios
- Tabela VII - Exportações baianas - Fator agregado
- Tabela VIII - Exportações baianas - Principais segmentos
- Tabela IX - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos
- Tabela X - Exportações baianas - Principais produtos
- Tabela XI - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos
- Tabela XII - Importações brasileiras por regiões
- Tabela XIII - Importações brasileiras - Principais estados
- Tabela XIV - Importações nordestinas por estado
- Tabela XV - Importações baianas - Principais municípios
- Tabela XVI - Importações baianas - Categorias de uso
- Tabela XVII - Importações baianas - Principais produtos
- Tabela XVIII - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos



**Governo do Estado da Bahia**  
Rui Costa

**Secretaria do Planejamento**  
João Felipe de Souza Leão

**Superintendência de Estudos  
Econômicos e Sociais da Bahia**  
Jorgete Oliveira Gomes da Costa

**Diretoria de Indicadores e Estatística**  
Armando Affonso de Castro Neto

**Coordenação de Acompanhamento  
Conjuntural**  
Arthur Souza Cruz Junior

**Coordenação Editorial**  
Arthur Souza Cruz Junior

**Elaboração Técnica**  
Arthur Souza Cruz Junior  
Marcus Vinicius Souza Pimentel dos Santos  
(estagiário)  
Thiago Lima de Souza Bartolomeu  
(estagiário)

**Coordenação de Biblioteca e  
Documentação  
Normalização**  
Eliana Marta Gomes Silva Sousa

**Coordenação de Produção Editorial  
Editoria Geral**  
Elisabete Cristina Teixeira Barretto

**Editoria de Arte e de Estilo  
Projeto Gráfico**  
Ludmila Nagamatsu

**Revisão**  
Luzia Luna

**Editoração**  
Julio Cesar Fonseca

# Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Novembro 2021

Com embarques perdendo volume, mas com preços resilientes, em elevados patamares, as exportações baianas alcançaram em novembro US\$ 843,1 milhões, com alta de 11,9% sobre o mesmo mês do ano passado. Os embarques, porém, foram 23,7% inferiores na mesma base de comparação, em níveis ajustados tanto pela desaceleração da economia mundial, como também à entressafra e ao peso dos produtos agrícolas na pauta de exportação baiana.

Puxada pelos combustíveis, que subiram 520,3% em novembro, as importações no mês voltaram a ter forte avanço, chegando a US\$ 905,5 milhões e crescimento de 78,2% frente a novembro de 2020. As compras externas estão refletindo em cheio os preços altos das commodities energéticas, entre outros itens, reflexo de gargalos logísticos e de produção que persistem no cenário global, que fizeram com que os preços médios em dólar das importações acelerassem a alta nos últimos meses, inclusive superando os do período pré-pandemia.

No acumulado do ano, as exportações da Bahia chegaram a US\$ 9,14 bilhões, com crescimento de 28,5% sobre o mesmo período de 2020, devendo atingir ou até superar, ao final do ano, seu melhor resultado desde 2013, quando alcançaram US\$ 9,6 bilhões. Em relação a 2020, ano em que o comércio mundial, assim como outras atividades, foi devastado pela pandemia, o crescimento deve chegar a 25%.

Esse cenário positivo para as exportações em 2021 só foi possível devido a fatores como: a manutenção da alta no preço das commodities, a recuperação global da economia, principalmente no primeiro semestre, e ao câmbio desvalorizado, que se mantém consistentemente acima de R\$ 5,50/US\$ devido às incertezas econômico-fiscais e políticas, tanto em relação a este ano como, e principalmente, ao próximo.

Apesar da moeda nacional ainda estar fortemente desvalorizada e os preços médios dos embarques se apresentarem em níveis relativamente altos – variação de 30,3% até novembro, comparados ao mesmo período do ano anterior –, o aumento dos custos de produção (energia, insumos e logística) deve corroer parte dos ganhos ao exportador.

De janeiro a novembro, as vendas externas foram lideradas pela soja e seus derivados, com incremento de

37,7%, seguidos pelos derivados de petróleo, petroquímicos e produtos minerais que foram beneficiados pela alta de preços no mercado internacional, e cresceram 23,4%, 67,8% e 215,5%, respectivamente.

**Tabela 1 – Balança comercial Bahia – Jan.-nov. 2020/2021**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2020	2021	Var. %
Exportações	7.109.072	9.136.853	28,52
Importações	4.542.601	7.041.101	55,00
Saldo	2.566.472	2.095.752	-18,34
Corrente de comércio	11.651.673	16.177.953	38,85

Fonte: ME/SECINT/SECEX/SITEC, dados coletados em 03/12/2021,

<http://comexstat.mdic.gov.br>.

Elaboração: SEI.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

A China permanece liderando como principal mercado das vendas externas do estado, com 28,1% de participação no ano e crescimento de 19,8%. É seguida agora pelos EUA, com 11,7% e 41,5%, por Singapura, com 11,3% e 18,1%, e pela Argentina, com 5% e 17,5%, respectivamente.

Direta ou indiretamente, a covid-19 continua sendo o maior risco para a continuidade da recuperação global, como faz entender o *Panorama Econômico Mundial*, divulgado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). As perspectivas são boas, com crescimento global de 5,9% em 2021 e 4,9% em 2022, mas o balanço de riscos está mais para “desapontador” do que para “surpresas positivas” do lado da expansão.

No caso do Brasil, o FMI projeta avanço do Produto Interno Bruto (PIB) de 1,5% no ano de 2022, o mais baixo de todas as economias relevantes do relatório. O risco do surgimento de novas variantes mais contagiosas da covid-19 continua alto porque, ainda que as nações desenvolvidas e algumas emergentes tenham conseguido sucesso na vacinação em massa, a maioria dos demais países segue sem imunizar parcelas substanciais da população. “Mais da metade do mundo, 35% da população global, não está a caminho dos 40% da vacinação ao fim de 2021”, registra o relatório.

Ou seja, há vasta oportunidade para que apareçam cepas mais agressivas que driblem as vacinas disponíveis e ameacem os países com proteção vacinal significativa. Outros riscos para a recuperação global são, em parte,

decorrentes dessa assimetria na imunização. Os desacertos entre oferta e demanda, resultado direto da pandemia, prosseguirão 2022 adentro e podem piorar caso novos elos das cadeias de produção global se vejam às voltas com *lockdowns* ou restrições sérias à mobilidade – como é o caso de países do Sudeste Asiático. Esses descompassos entre oferta e demanda estão empurrando a inflação para cima nos Estados Unidos (EUA), Europa e grandes emergentes, como o Brasil.

O Produto Interno Bruto (PIB) americano cresceu 2% no terceiro trimestre de 2021, em dados anualizados. Os dados são uma primeira estimativa, e ainda passarão por duas revisões ao longo dos próximos meses. O menor crescimento do PIB foi puxado pela desaceleração dos gastos do consumidor. No segundo trimestre, o crescimento foi de 6,7%.

O ressurgimento de casos de covid-19 resultou em novas restrições e adiamentos na reabertura de estabelecimentos em algumas partes dos EUA. Além disso, no terceiro trimestre houve redução nas assistências do governo em forma de empréstimos a empresas, recursos a governos estaduais e locais, e benefícios sociais às famílias.

O aumento da demanda do consumidor nos Estados Unidos se chocou com as graves interrupções nas cadeias de abastecimento, levando a uma alta dos preços por um tempo maior do que o antecipado pelos BCs. O aumento dos aluguéis, juntamente com as pressões sobre os salários e uma grave escassez de mão de obra vêm gerando temores de que a inflação possa se mostrar mais persistente do que o esperado inicialmente pelo Fed – Banco Central dos EUA.

Na China, a desaceleração da atividade econômica no terceiro trimestre refletiu cortes de energia, gargalos na cadeia produtiva e arrefecimento do setor imobiliário. Sempre na comparação interanual, o PIB chinês desacelerou de uma alta de 7,9% no segundo trimestre para outra de 4,9% no terceiro trimestre, abaixo da mediana das projeções do mercado, que apontava crescimento de 5,0%. Os investimentos em ativos fixos passaram de uma alta de 8,9% em agosto para 7,3% em setembro, frustrando as expectativas.

Esses resultados impõem viés de baixa para o crescimento chinês deste e do próximo ano (2021 e 2022),

visto que a política econômica não deve ser significativamente alterada no curto prazo e os vetores de baixa seguirão presentes: lançamentos e vendas de imóveis continuarão enfraquecendo e cortes de energia mantêm produção industrial restrita.

A expectativa é de que a economia da China cresça 5,1% no terceiro trimestre, em relação a um ano atrás, segundo uma pesquisa do *Wall Street Journal*. O país registrou um crescimento de 7,9% no segundo trimestre.

Já o Produto Interno Bruto (PIB) da Zona do Euro cresceu 2,2% no terceiro trimestre em comparação ao trimestre anterior, confirmando os dados da primeira estimativa divulgada em outubro. O resultado representa uma leve aceleração da economia frente ao 2º trimestre – cuja alta foi de 2,1% – conforme a economia continua a se recuperar da recessão provocada pela pandemia em 2020. Na comparação com o 2º trimestre do ano passado, a alta foi de 3,7% no conjunto das 19 economias que usam a moeda comum europeia.

As perspectivas para a economia mundial, entretanto, estão mais sombrias, com uma série de dados da Europa e da Ásia sugerindo que o crescimento foi mais fraco no terceiro trimestre, afetado pelos problemas com cadeias de suprimentos globais, forte aceleração da inflação e impacto da variante delta do coronavírus, altamente contagiosa.

Da Suécia ao Reino Unido e da Alemanha ao Japão, portos congestionados e gargalos no fluxo mundial de matérias-primas e componentes abalaram os fabricantes, interrompendo a produção das fábricas e levando as empresas a alertarem seus clientes que terão de esperar por produtos de que precisavam com urgência.

Segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI), a recuperação econômica pós-pandemia está em curso na América Latina e no Caribe, mas a covid-19 e as crescentes pressões inflacionárias ainda ameaçam atrapalhar as perspectivas para a região no curto e médio prazo. O fundo projeta crescimento de 6,3% para a economia regional em 2021, seguido por uma alta mais moderada, de 3%, em 2022. Mas a maior parte dos países ainda não retornará ao nível pré-pandemia, em razão principalmente da tendência de médio prazo da fragilidade dos mercados de trabalho.

Para o Brasil, o FMI prevê crescimento de 5,2% em 2021 e de 1,5% em 2022 – abaixo da previsão média para a região. Países exportadores de commodities crescerão com mais força – como Peru (10% e 4,6%) e Chile (11% e 2,5%). O México deve crescer 5,7% e 4,9%, respectivamente. Já para a Argentina a previsão é de 7,5% e 2,5%.

pelos menos, até o primeiro semestre de 2022, afetando a recuperação econômica mundial.

Um dos motivos para a inflação ser vista cada vez menos como transitória, mas sim como persistente, é a dificuldade das cadeias produtivas de se realinharem

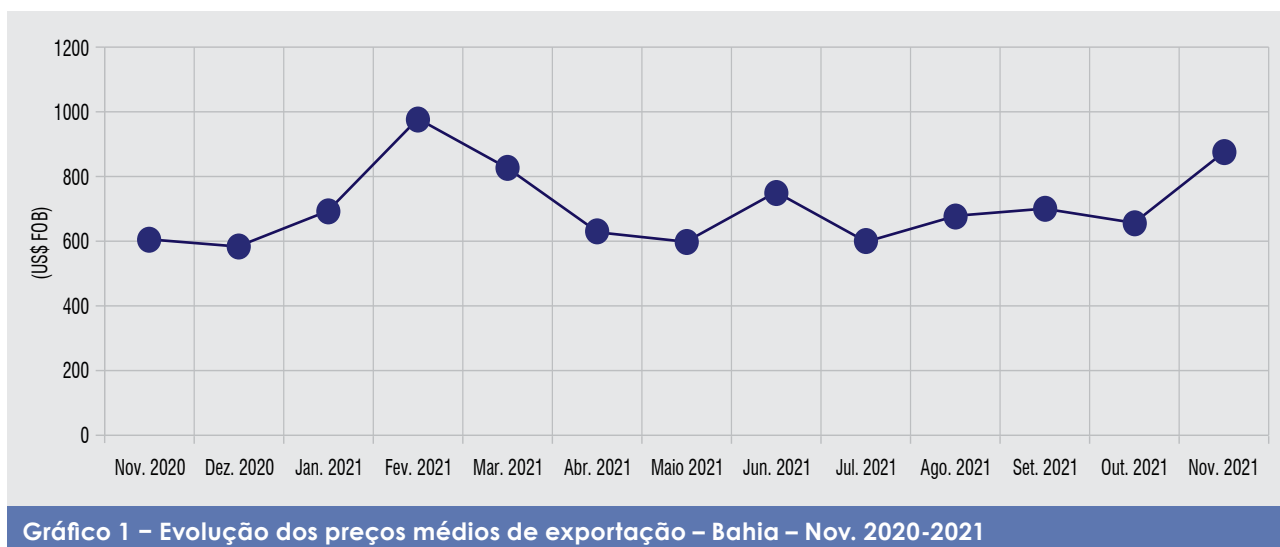


Gráfico 1 – Evolução dos preços médios de exportação – Bahia – Nov. 2020-2021

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 07/12/2021.

Elaboração: SEI.

A demanda sustentada por eletrônicos e os altos preços de energia continuaram a impactar nos preços das mercadorias no terceiro trimestre, enquanto as cadeias de fornecimento de semicondutores, sobrecarregadas, pesaram sobre o comércio de veículos e peças.

O termo inflação resume um movimento de alta de preços e, em 2021, esse fenômeno se espalhou pelo mundo a ponto de se falar de uma “inflação global”, consequência da pandemia de covid-19. A ideia ganhou força em especial após os recordes de inflação ao consumidor nos Estados Unidos, com a maior alta nos últimos 30 anos, e ao produtor na China, com a maior elevação em 25 anos. Como os países são as duas maiores economias do mundo, os efeitos inflacionários, em especial o aumento em custos de produção e nos preços de produtos, tendem a se espalhar.

Um ponto em comum em muitos casos são problemas em cadeias de fornecimento, com preços altos ou falta de produtos, e uma demanda aquecida da população devido a estímulos governamentais. Esses dois fatores, segundo especialistas, estão entre as principais causas de um fenômeno inflacionário que ainda deve durar,

e equilibrarem novamente oferta e demanda. Um dos principais exemplos é a falta de *chips* suficientes para atender às necessidades de produção de eletrônicos e automóveis, levando à falta de produtos.

Para os exportadores locais, após avançar 6,9% em 2020, a rentabilidade das exportações brasileiras deve desacelerar e crescer entre 2,6% e 3,1% ao fim deste ano, na comparação com o ano passado. Apesar da moeda nacional ainda estar desvalorizada e os preços médios dos embarques se apresentarem em níveis relativamente altos, o aumento dos custos de produção deve tirar boa parte do ganho na exportação. A rentabilidade avançou 2,1% ante 2020, puxada por setores como extração de minerais e de petróleo, além de agricultura. No terceiro trimestre, o câmbio nominal desvalorizou-se em 5% enquanto o preço médio das exportações subiu 29,8%, e os custos de produção, 33,8%.

Para 2022, a previsão é de um cenário de desafio, apontam os especialistas em comércio exterior. Com a perspectiva atual de que as cadeias globais de suprimento e de produção se recomponham no decorrer de 2022, de forma

gradativa, a pressão de custos deve se manter, ao mesmo tempo em que, no cenário doméstico, espera-se um câmbio oscilante, dadas as incertezas políticas e fiscais. Além de tudo isso, deve-se considerar que há ainda questões imponderáveis da pandemia, como eventuais efeitos ainda desconhecidos da Ômicron, nova variante da covid-19.

das exportações tem equilibrado os impactos das elevações dos custos de produção anulados desde o ano passado. Os custos da indústria têm sido pressionados pelos elevados preços do milho e da soja nos mercados internacional e doméstico.

**Tabela 2 – Exportações baianas  
Principais segmentos – Jan.-nov. 2020/2021**

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2020	2021			
Soja e Derivados	1.661.251	2.286.974	37,67	25,03	35,64
Petróleo e Derivados	970.616	1.197.238	23,35	13,10	73,07
Químicos e Petroquímicos	709.300	1.189.307	67,67	13,02	60,65
Papel e Celulose	935.576	897.881	-8,01	9,83	1,39
Minerais	214.943	678.204	215,53	7,42	23,58
Metalúrgicos	464.074	591.384	27,43	6,47	72,67
Algodão e Seus Subprodutos	463.637	532.086	14,76	5,82	11,12
Metais Preciosos	463.935	483.899	4,30	5,30	-44,88
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	252.882	224.659	-11,16	2,46	2,97
Cacau e Derivados	183.306	204.193	11,39	2,23	1,08
Frutas e Suas Preparações	173.607	187.110	7,78	2,05	-9,70
Café e Especiarias	109.752	164.879	50,23	1,80	5,44
Borracha e Suas Obras	94.726	142.658	50,60	1,56	-3,19
Sisal e Derivados	69.056	66.895	-3,13	0,73	3,81
Couros e Peles	53.850	59.690	10,84	0,65	31,66
Calçados e Suas Partes	24.972	55.945	124,03	0,61	19,00
Carne e Miudezas de Aves	18.511	37.269	101,34	0,41	22,33
Automotivo	152.110	22.233	-85,38	0,24	-5,56
Fumo e Derivados	25.416	18.448	-27,42	0,20	-6,38
Demais Segmentos	67.553	95.900	41,96	1,05	164,08
<b>Total</b>	<b>7.109.072</b>	<b>9.136.853</b>	<b>28,52</b>	<b>100,00</b>	<b>30,28</b>

Fonte : ME/SECINT/SECEX/SITEC, dados coletados em 03/12/2021, <http://comexstat.mdic.gov.br>.  
Elaboração: SEI.

Até novembro, as exportações baianas de carne de frango (in natura e processada) cresceram de maneira expressiva, confirmando as previsões da indústria de que, diante da demanda aquecida, os resultados serão positivos no acumulado do ano. O volume de embarques cresceu 64,6% em relação a igual período de 2020, passando a 11,8 mil toneladas. A receita somou US\$ 37,3 milhões, o que representou um incremento de 101,3%, na mesma comparação, graças à valorização dos preços médios. A China continuou a ser o principal destino das exportações baianas.

Segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), ao mesmo tempo, a significativa alta na receita

As exportações baianas de soja e derivados deverão ultrapassar os 5,2 milhões de toneladas, recorde alcançado em 2018, com base nas programações dos portos e das previsões de safra do setor. Só os embarques realizados entre janeiro e novembro deste ano já atingiram 4,9 milhões de toneladas, ante 4,8 milhões em igual período de 2020, com crescimento de 1,5%. Em receitas, o setor permanece na liderança das exportações baianas, com vendas de US\$ 2,3 milhões no período, 37,7% acima de 2020.

As exportações da Bahia para a Argentina caíram em novembro, depois de seis meses seguidos de crescimento. As vendas para o país vizinho diminuíram 5,8%,

na comparação com novembro de 2020. A queda tem origem na falta de componentes decorrente dos gargalos nas cadeias de produção, que vêm prejudicando sobretudo o setor automotivo, e na escassez de dólares na Argentina, que mina as importações de empresas.

As vendas para o país vizinho – quarto principal parceiro comercial da Bahia – foram as únicas que tiveram queda em novembro dentre os oito maiores destinos das vendas externas do estado no mês..

Demanda por fertilizantes, trigo, crise hídrica – que fez aumentar as compras de GNL (Gás Natural Liquefeito) –, além da alta de preços de petróleo e outros insumos impulsionaram, em novembro, as importações, que pelo segundo mês consecutivo alcançam taxas superiores a 70%. Em novembro, elas alcançaram US\$ 905,5 milhões, alta de 78,2% ante igual mês de 2020 e recorde mensal desde julho/2018.

Os dados de importação refletiram em cheio os preços altos de commodities energéticas, entre outros itens em que tem sido observada uma aceleração acentuada dos preços. O movimento concentra-se em alguns segmentos, como combustíveis, trigo, adubos e fertilizantes, minérios, células solares, dentre outros. Desde o mês passado, também há registro da compra de trilhos de aço, para a Fiol, o que fez aumentar os desembolsos. Enquanto os valores importados subiram 78,2% em novembro em relação a igual mês de 2020, a quantidade aumentou 55,3% e os preços giraram mais fortemente, em 14,7%.

No acumulado do ano, o quadro se repete, os preços são fator predominante nas importações, com alta de 5% de janeiro a novembro de 2021 contra iguais meses do ano passado. Em igual critério, o quantum avançou 47,7%, e o valor importado, 55%.

Com o resultado de novembro, mesmo com o déficit de US\$ 62,4 milhões no último mês, ainda assim, a balança comercial da Bahia acumula um superávit de US\$ 2,1 bilhões, queda de 18,3% em relação ao registrado em igual período do ano passado, como consequência do aumento maior das importações que das exportações. A corrente de comércio atingiu US\$ 16,18 bilhões com crescimento de 38,8%.

**Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-nov. 2020/2021**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2020	2021	Var. %	Part. %
Bens intermediários	2.615.559	3.586.653	37,13	50,94
Combustíveis e lubrificantes	1.062.111	2.801.325	163,75	39,79
Bens de capital	667.904	446.698	-33,12	6,34
Bens de consumo duráveis	107.253	110.239	2,78	1,57
Bens de consumo semiduráveis e não duráveis	86.698	96.182	10,94	1,37
Bens não especificados anteriormente	3.076	4	-99,86	0,00
<b>Total</b>	<b>4.542.601</b>	<b>7.041.101</b>	<b>55,00</b>	<b>100,00</b>

Fonte: ME/SECINT/SECEX/SITEC, dados coletados em 03/12/2021,

<http://comexstat.mdic.gov.br>.

Elaboração: SEI.

OBS.: importações efetivas, dados preliminares.





SECRETARIA DO  
PLANEJAMENTO

